

pt
D.
Ru
F



Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 26 de Janeiro de 1980 * Ano XXXVI — N.º 936 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Quarenta anos da OBRA DA RUA

- Casamento do Martinho
- Epifania do Senhor

Nenhum de nós o premeditou, mas quis Deus que ocorresse o vosso casamento, Martinho e Maria de Lourdes, na comemoração dos 40 anos de vida da Obra da Rua que amanhã se perfazem. Eu tomo a coincidência como um presente do Céu na oportunidade do aniversário, porquanto nesta

Obra para Rapazes, deles e por eles, tu és dos que afirmam a regra que Pai Américo intuiu e amou e quis erguer em vida como quem acende e põe alta a luz para iluminar a muitos.

Como a Jerusalém que o Profeta canta, a nossa Família, porção da Igreja de Cristo

participante da Sua graça e da Sua fecundidade, vê radiosa um filho que vem de longe trazendo nos braços uma filha; o seu coração bate e dilata-se. E gloria-se porque esse filho cresceu à sua luz e volta agora a aumentar-lhe o brilho com a luz que adquiriu e o vem guiando desde que homem responsável.

Depois de tantos casamentos que esta Capela viu, não vou dizer que nos domina hoje uma emoção como a que empolgou Pai Américo há 27 anos quando dos dois primeiros sai-

dos desta Casa para o seu lar. A Obra contava 13 anos. Tinha dado já muitos frutos. Mas estes eram as primícias de uma nova espécie, que justificava o roubo de Pai Américo: «A Obra começa hoje».

Aliás, em outras oportunidades, ele repetiria a afirmação. E, definitivamente, impedido pela Fé que foi a alma da sua alma: «A minha Obra começa quando eu morrer».

Um outro começo, certamente o mais autêntico depois da morte do Fundador, ainda o não merecemos nestes 40 anos de

existência: aquele em que um de vós, enamorado pelo esplendor da Luz eterna, Espelho sem mancha da majestade de Deus e Imagem da Sua bondade» que é Jesus Cristo, subir a este Altar a que, servo indigno, hoje presido, para celebrar a Eucaristia e, oportunamente, receber em nome da Igreja como marido e mulher, irmãos seus. Que a Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo nos ajude a gastar a vida em fidelidade à vocação, a que fomos chamados e a nossa correspondência provoque Deus a um tal render da guarda, nem que já não vejamos esse dia.

É assim a Sabedoria Divina: Fonte de novidade, de juventude perene. «Sendo una, tudo pode; sendo eterna, tudo renova; e Se transfere para as almas santas e as constitui amigas de Deus e profetas».

Foi Ela que encheu Pai Américo desde o seu encontro com o Senhor. Por amor d'Ela ele perdeu o senso da vulgaridade. Todas as pérolas que o mundo lhe oferecera e tinha para lhe dar, achou-as nada perante a pérola preciosa do Reino que descobriu. E trocou-as pelo tesouro escondido que o seu Jesus lhe mostrou. Escolheu a melhor parte: Sentou-se aos pés do Mestre a escutá-Lo. Ele é a Sabedoria. Uniu ao d'Ele o seu querer. Ele é a Omnipotência. Por Ele e n'Ele achou a sua unidade. Com Ele ultrapassou os limites do relativo, do transitório, para vogar na órbita do Absoluto, do Eterno. Por isso:

— Que não pôde Pai Américo daquilo que Deus quis dele?!

— Que novidade ele foi, e é, em contraste com as vidas cativas do terreno e do temporal!

E, no entanto, a sua opção, o seu compromisso com o Senhor, não o desincarnou, não o segregou. Ele foi, como raras, um homem para os homens, em comunhão com eles, no meio deles, na aventura de viver — discípulo de Jesus Cristo, o Deus-conosco, Deus no meio de nós, que o constituiu Seu amigo e profeta.

São desta tèmpera os Santos, para quem a Sabedoria

AQUI LISBOA!

«Os que são obrigados às sobras frias têm o paladar da comida quente.» (Pai Américo)

Esta Casa do Gaiato fez no dia 4 de Janeiro trinta e dois anos. Como de costume, reunimo-nos à volta do Altar, para agradecer o bem recebido; lembrar vivos e mortos, de fora e de dentro; pedir perdão das nossas culpas; e solicitar forças para continuarmos a caminhada encetada no ano, já longínquo, de 1948. Todos, sem excepção, e suas intenções, foram colocados na patena. Se-

guiu-se o jantar de festa, com a presença fraterna de Padre Acílio e de uma das Senhoras e alguns Rapazes de Setúbal, bem assim os Casados ao serviço da Casa. Na altura própria não deixámos de assinalar o significado da data e das responsabilidades inerentes, procurando incutir em cada um a correspondência às oportunidades oferecidas.

A nossa prenda de anos foi

representada pelo ingresso na Comunidade de dois amores, um de 4 e outro de 10 anos, que há muito aguardavam a sua vinda e que, nem por terem por madrinhas as «Senhoras das terças-feiras», que até nós vêm todas as semanas ajudar na costura, haviam conseguido lugar. Filhos de pais alcoólicos, órfãos de mãe após atropelamento, vivendo(?) amontoados com o pai e uma ma-

drasta atrasada mental, já com filhos, com mais seis irmãos, eles constituem um tesouro que nos é confiado, um compromisso e uma responsabilidade que nos animam a lutar com perseverança e determinação.

Com os ouvidos cheios de esterco, apesar de se terem lavado(?) antes de virem e com parasitas à mistura, não houve outro remédio que não fosse dar-lhes banho e cortar-lhes o cabelo. O mais pequenino foi lavado pelas Senhoras na banheira dos pequenitos da casa-mãe e ao sentir-se alvo do carinho, em local nunca experimentado, não se conteve e exclamou: «Ai, a água está tão quentinha!» Depois, como que a exprimir um certo prazer incontido, acrescentou: «Senhora, deixe-me deitar aqui um bocadoinho».

«Os que são obrigados às sobras frias têm o paladar da comida quente», disse Pai Américo. Pelo paralelismo das situações aqui deixamos narrado o acontecimento, certos que uma reflexão consequente nos levará a assumir os nossos deveres e a estimar devidamente os bens que possuímos, tantas vezes menos apreciados ou até menosprezados.

● Vamos começar a nossa peregrinação pelas Igrejas de Lisboa, tarefa desgastante e difícil, que só a satisfação de cumprir um dever nos conforta e impulsiona. Contamos com a compreensão dos auditores,



É a casa-mãe da nossa Aldeia do Tojal (Loures), onde os mais pequeninos sentem o carinho maternal.

Cont. na 4.ª página

Cont. na 4.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Ele era um marginalizado. Veio aqui parar como outros. E a gente sabe porquê: aonde estava, nem a família o queria, muito menos a comunidade. E emigrou.

Aqui, por tecto, era o palheiro de um comerciante. Por cama, a palha dos animais. Roupa, só a que trazia no corpo. Alimentação: pedincha.

Sem toparmos o mínimo escândalo (todo o mundo dava as voltas do costume...) o problema cai em nossas mãos. Após o diagnóstico do mal, o recoveiro dos Pobres meteu-se a caminho. Havia uma moradia do Património dos Pobres recentemente desocupada. O princípio do fim...

Em visita posterior, sem formalizar qualquer promessa, o vicentino aborda só a hipótese de se poder ceder uma casa ao nosso homem. Emocionado, chora convulsivamente. Nem outra coisa seria de esperar! Da corte dos animais para uma moradia condigna é mudança radical na vida de um ser humano.

— «Olhem q'eu não tenho nada» — sublinha o Pobre. «Nem cama, nem roupa, nem louça. Eu não tenho nada!» Já sabíamos que sim. Preparámos um bragal, loiça inclusivé.

Agora, está em sua casa, que é Património dos Pobres. Tem outra cara, ainda que as mazelas físicas não se curem milagrosamente. É outro homem. Já não sofre o problema das pulgas, da porcaria, do frio, nem da chuva. É um ser reintegrado no meio — por alturas do Natal. E cuja mudança discreta é para ele uma festa natalícia sem os triunfalismos da quadra. Um anúncio de Libertação, pela Boa Nova que Jesus revela aos homens. E há multidões a viver em palheiros exactamente por culpa do egoísmo de nós outros, que podíamos e devíamos olhar mais para o Pobre do que para as nossas conveniências. O Nascimento do Salvador, na gruta de Belém, é um Sinal. Não foi por mero acaso que Jesus ali nasceu...!

PARTILHA — Monte Estoril, 300\$. De Lisboa «repartem com os Pobres» 500\$00. Donativo de Meschede — Alemanha. Da Rua Ramalho Ortigão, Lisboa, enviam «alguma coisa para a Conferência». Agora, atenção a uma peregrina de Alvide:

«Junto cheque para distribuir pelos Pobres. Isto corresponde aos meus dias de trabalho executado nos dias santos de guarda e que prometi a mim mesma enviar para os vossos Pobres...

Que este novo Ano seja para todos de santa Paz, são os votos desta velha e ingrata amiga.»

Presença da assinante 26322, de Espinho. Rua da Lapa, Lisboa, 200\$. Dez vezes mais do Porto. No Espelho da Moda: 310\$00 da assinante 3119, «por alma de meu marido»; 1.000\$00 do assinante 13519 «referentes a Novembro e Dezembro»; e 500\$00 de anónimo. O mesmo do

assinante 9790 pedindo «uma oração por um Familiar». Velho companheiro da extinta Escola Mouzinho da Silveira, no Porto, idem. Sobras de contas em dia, pela mão do assinante 2642, sublinhando que «é pouco mas de boa vontade». Ainda do Porto, oferta da Rua Agostinho de Jesus e Sousa. Senhora de Barcelos visita-nos e reparte por vários lados e, também, pelos Pobres. «Pequena migalha» da Rua Rodrigues Cabrilho, Lisboa: «É muito pouco — afirma — mas nesta altura do ano as «massas» ficam muito em baixo! Logo que possa mando mais». Não temos dúvida que sim.

Rua Costa Cabral, Porto, 150\$00. Esposa do assinante 8632, 600\$00. Covilhã, 500\$00. Assinante 14186: «Uma migalha para juntar a outras migalhas». Mais 500\$00 de um Ourives lisboeta. E mais Lisboa com 200\$00 da «velha assinante 616», em carta que nos sensibiliza. E outros 200\$00 de senhora «a caminho dos 80». Amigos de D. António Barroso, 50\$00. Dez vezes mais de Santa Cruz, Braga. Em discreto sobrescrito, 200\$ de «um casal de velhos amigos». São assim as almas grandes, neste cortejo de Amizade! Oferta da viúva de um Amigo que Deus tem, «para uma viúva com filhos». De Amadora 250\$ «que se destinam ao concerto da cadeira de rodas». Um «deficiente solidário» dá também a mão fraternalmente, com o mesmo objectivo:

«Em resposta ao SOS lançado pelo «Famoso» em prol da cadeira motorizada para um deficiente, junto um cheque de 1.000\$00.»

Quando esta edição sair para a rua, a cadeira já deve rolar na mão do nosso Amigo, ansioso por este bem. Ainda não há muitos dias, ele soube já haver Juize, na sua comarca, onde o processo espera julgamento. Teve de ir lá, por outros meios, com dificuldade, motivar o Tribunal para que dê prioridade à sua acção — e não demore mais a fazer Justiça.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

CASAMENTO — Casou o Martinho com a Maria de Lourdes em nossa Capela.

A cerimónia foi linda e o coro, nesse dia, esteve em forma, acompanhado pelo nosso Conjunto.

Logo de seguida foram tiradas as fotografias habituais, ao mesmo tempo que a RTP (Porto) terminava as suas filmagens. Não foi por o Martinho casar que a equipa da RTP se deslocou até nós, mas filmaram o casamento como pormenor curioso na passagem dos quarenta anos de existência da Obra da Rua.

A boda é sempre um ponto de alegria por parte de todos. Lá para o fim fizeram-se ouvir violas e um «tambourine» que marcavam o ritmo e o tom das rapsódias que se entoaram até final.

Um verdadeiro dia festivo de um significado ainda maior por se tratar também — como já dissemos — dos quarenta anos de existência da nossa Obra.

Depois houve bailarico, a pedido do noivo e para o qual o Conjunto se dispôs a proporcionar a todos os convidados incluindo toda a Comunidade que, à partida, é também convidada não fosse um nosso irmão que casou.

Que o Martinho e a Maria de Lourdes sejam felizes pela nova vida que começaram.

ACTIVIDADES MUSICAIS — O nosso Conjunto, apesar de estarmos no Inverno, tempo impróprio para festas, continua a ser procurado por várias pessoas amigas.

Fomos a Guilhufe participar numa festa dedicada às Crianças e organizada pelo Grupo de Dinamização Cultural daquela localidade, onde tivemos ocasião de ouvir cantar Manuel Freire, conhecido a nível nacional, e Carlos Cunha, bem conhecido aqui na região.

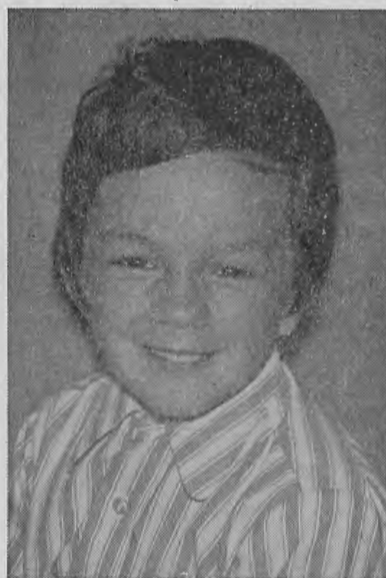
Gostámos de ver o Grupo Teatral «Gota de Mel» que soube marcar bem a festa representando peças próprias para crianças e divertidas para os adultos.

No final foi a nossa vez e os miúdos formaram logo rodinha em frente ao palco; e se mais tocássemos mais eles dançariam ao som de músicas populares bem conhecidas.

Nesse mesmo dia, e em Irivo, também actuámos desde as 21,30 à meia-noite. Não tivemos problemas porque praticamente estávamos em casa.

E é assim que vão as nossas actividades musicais a nível de Conjunto. Esperamos que continuem, pois nós gostamos que todos nos conheçam e possam dizer, principalmente os que nos ajudaram com suas ofertas, que afinal nós somos capazes de dar à música aquilo que sempre desejámos.

«Marcelino»



É o Becas, filho do Augustito.

Setúbal

NATAL — O nosso Natal. Ele é a razão de ser de tudo quanto o homem procura de bom no intuito de servir. Ele não seria nem valia se o Homem não nascesse para mostrar como se serve os homens. Ele não precisaria de nascer se não fora o homem que se serve e é servido com todos os requintes, calcando o semelhante.

Por via disto o nosso Natal está a ser sentido. E digo está, porque aproveito um dos intervalos e vou pró calor da lareira, enquanto a malta ri e dá júbilo lá fora, nos jogos que realizam. Antes tinham sido as batatas com bacalhau. Não há frio. Todos se sentem no borralho. Pai Américo, ao canto da lareira, parece instalado do mesmo borralho. O que ele tem dito do Natal mais dos que o precisamos sentir diariamente! Como ele nos acusa por sabermos que existem tantos a precisar de ser servidos e não são.

O quentinho do borralho diz-nos da Família que tantos buscam e ninguém lhe dá. O calor deste borralho acusa-nos por sabermos de crianças à mistura com prostitutas, de tantas destas que entraram no jogo por via de ninguém lhes acudir a tempo.

Tem-se gasto muito papel e muita tinta por causa disto mas o servir é palavra morta.

Assim cada um veja o seu Natal diário, onde o mais necessitado seja o que está junto de si. Que nós, adultos e alertados, sintamos e escutemos muitos natis para os pequenitos, sim, mas sirvamos os adultos e demos-lhes lareira. Os senhores desculpem por eu não saber falar hoje senão em lareira e borralho, mas é que Pai Américo também não disse mais.

OS NOSSOS «REIS» — «Tété» é um dos nossos «reis» cá de Casa. Já aqui falei dele e tinha muito que falar e dizer. A mesma graça, a mesma candura, a mesma meiguice. Mas agora tenho que acrescentar mais um adjetivo ao «Tété»: o ciume. O Rui — outro «reis» — chegou, e também tem as mesmas coisas e teve que se dividir por dois e não só, o que dantes pertencia ao nosso «Tété». As nossas mães estão alerta e disso sabem elas jogar. Eu por mim só pergunto o porquê destas coisas. Em tua casa é a mesma coisa e, por isso, não me envergonho por te falar nial destes nossos «reis». Quem nos dera ter mais «Tetés» e Ruizinhos, mas...

Ernesto Pinto

TRABALHOS COLECTIVOS — Tem sido um regalo ver os nossos em trabalhos colectivos em prol da comunidade. Alguns por sua iniciativa, outros empurrados pela nossa necessidade. Ontem foram eles agarrados a lixar, a pintar e pôr tamos novos nas cadeiras do nosso refeitório. A mim próprio me parecia impossível realizar em tão pouco tempo este trabalho, mas vendo-os a trabalhar com gosto, animei-me logo. Hoje foi preciso pôr vigas e tijoleiras para mais um remendo da placa e um grupo deles executou o trabalho. Quando se unem os esforços, o gosto e as vontades, eles são capazes de tudo.

A SAUDADE — João Aníbal foi dos que saíu de cá naquela idade que todos conhecemos. Experimentou a vida e, agora, ainda casado de fresco, aparece cá com a mulher, roído pela saudade. Admirou-se da modificação havida depois que saíu. Chegou à parte nova da casa-mãe e fez um ah! que só queria que ouvissem. Como ele recordou a sua infância diante da mulher!

Ele veio era muito pequenito. Que ele saiba dar testemunho do que cá aprendeu.

LISNAVE — Enquanto eu estou aqui na cama com uma gripe, soube que tinha chegado um autocarro para transportar a malta à Lisnave. Já ontem tinha acontecido o mesmo.

Dessa vez foi um almoço. Agora um convívio. Vou esperar que eles cheguem para fechar esta crónica, porque é costume haver que contar.

Vieram cheios de guloseimas e mimos! Bem hajam, pois, todos os que beijam os nossos filhos.

O «SAPATINHO» — Entusiasmado com tanto assunto, esqueci-me de dizer aqui que, este ano, o «Menino Jesus» do sapatinho foi o Elói, o chefe-maioral da Casa. No meio do refeitório, ele parecia um pregoeiro. Tantos nomes, tantas prendas!

Novos Assinantes de O GAIATO

A precissão vai concorrida, em número e qualidade!

São deles que pedem directamente a assinatura de O GAIATO. Outros que delegam o pedido em pessoa amiga. Todos com fervor e entusiasmo.

«Há já bastante tempo» — afirma senhora amiga de Viana do Castelo — que desejava ser assinante de O GAIATO. Mas, por falta de tempo, ia passando um dia e mais outro e nunca me resolvia a escrever.

Hoje, ou por outra, agora mesmo, peguei no jornal que pessoa amiga me emprestou e disse para comigo: — «Pois é agora mesmo que vou escrever!» E pronto; aqui estou a pedir que me considerem assinante de O GAIATO.»

Na manta de retalhos que a



SETÚBAL

É no começo de mais um ano, de uma década, que retomo as minhas crônicas. Pretendo ser regular na comunicação com os leitores. O jornal é, como me tem lembrado, muitas vezes, o Júlio Mendes, um púlpito que não podemos descurar.

Têm sido muitas as advertências, os convites e os incentivos, da vossa parte, dos rapazes e dos padres para que ponha em O GAIATO as minhas vivências e reflexões.

A vida absorveu-me de tal modo que me privou da capacidade interior necessária, quer de saborear o feliz dia-a-dia, quer também da disponibilidade para o transmitir aos outros.

Assim devo manifestar a minha admiração pelos padres da rua que, não menos devorados, se obrigam a servir regularmente a Palavra de Deus vivida, aos leitores famintos dela. Perante todos, e publicamente, devo penitenciar-me.

Vivemos de novo, numa Casa do Gaiato, agora com 109 rapazes, onde, com afinco, procuramos «fazer de cada, um homem que dê fé do seu valor e encontre a sua própria consciência».

As forças deletérias que aqui se instalaram interna e externamente, perderam, por si mesmas, muito da sua eficácia.

As experiências permissivas foram ultrapassadas pelos seus funestos resultados.

A alegria do caminho encontrado e a segurança intuitiva que dela dimana, transparece no rosto de cada rapaz.

O reencontro destes valores deve-se, em boa parte, à colaboração consciente de dois deles, os chefes: Elói e Rodrigues. Elói, em Casa, com os mais novos e o Rodrigues nas oficinas e Lar com os maiores. Tanto um, como o outro, sem desânimos nem amuos, têm dado o melhor de si mesmos, ci-

mentando a confiança que neles depositei, grangeando, pouco a pouco, a estima dos rapazes e temperando o seu carácter, momento a momento, na vitória das inúmeras dificuldades. Não foram eleitos, como é norma, em nossas Casas. A consciência comunitária não estava preparada para uma acção eleitoral. Há muitos anos que não tínhamos um chefe capaz. Os rapazes não sabiam, por vivência, o que era um chefe para o escolherem. Antes, tinham noções erradas. É impossível transmitir-lhes por conceitos, a missão do

chefe. Só por vida. Quase se tinha esbatido da sua memória a verdadeira imagem do chefe.

Eles aceitaram. Ocuparam os seus lugares com tenacidade e brio, criando, assim, a possibilidade de em breve podermos fazer eleições com resultado positivo para todos.

Saliento ainda, em acção de graças ao Senhor, o carinho e a abnegação de muitos Amigos da cidade de Setúbal e fora dela que provaram a sua amizade em esperança crescente, apesar da minha falta de notícias.

Brevemente, trarei a lume a montanha de presenças, renúncias e donativos que a passada quadra natalícia nos trouxe. Eis!...

Padre Acílio

TRIBUNA DE COIMBRA

Fico sempre repassado quando, junto ao Altar, os rapazes cantam:

*«Tudo seria bem melhor
Se o Natal não fosse um dia,
Se as mães fossem Maria,
E se os pais fossem José!
Se todos se parecessem
Com Jesus de Nazaré.»*

É isto mesmo que sentimos e vimos e vivemos nesta quadra das festas do Natal e de que temos muitas saudades. Sentimos e vivemos muito mais como a Família de Nazaré continua a ser o padrão familiar. Que pena não ser sempre assim! Se as mães fossem Maria na fé, na humildade, na disponibilidade. Se os pais fossem José na fidelidade, no amor ao trabalho, no acolhimento. Se todos nos parecessemos com Jesus que se apaixonou de amor pelos homens, pelos quais deu a vida, e

que é Caminho, Verdade e Vida.

Cada vez acreditamos mais que foi à luz de Deus que Pai Américo escolheu para modelo da vida familiar nas nossas Casas do Gaiato a vida da Família de Nazaré.

Escrevemos estes pensamentos no dia em que há 40 anos esta Casa do Gaiato, em Miranda do Corvo, abriu as portas aos três primeiros filhos. Berço de uma Obra que tem procurado seguir o modelo da Família de Nazaré.

Só assim somos capazes de entender as Festas de Natal. A presença de tantos que criámos e que nestes dias vêm com a esposa e filhos e nos enchem de mimos. A vinda de um bom grupo da A. dos Antigos Estudantes de Coimbra a recordar Pai Américo como apaixonado pelas crianças, grupo que já tinha recordado nas mesmas circunstâncias os outros três homens que em Coimbra abriram portas à vida da criança: João de Deus, Elísio de Moura, Bissaia Barreto. Este grupo encheu a nossa Casa de simpatia e quase ao fim do dia todos partiram felizes pelo encontro.

O domingo de Reis já vai ficando na tradição como o dia de festa de Natal dos gaiatos com os Amigos de Coimbra. Toda a tarde esteve cheia e a multidão sentiu-se em sua casa. Dia sempre muito feliz.

O correio e os visitantes encheram-nos de prendas e carinhos. Por tudo isto e por aquilo que não sabemos dizer, porque não tem expressão para a nossa capacidade, nós continuamos repassados e exclamamos: «Tudo seria bem melhor se o Natal não fosse um dia!», mas, fosse todos os dias da vida de cada homem.

Padre Horácio

precissão oferece, com garbo, à sua passagem, há mais dísticos, como o de um Amigo do Banco de Portugal, que, pescando um novo leitor, sublinha:

«Como sabem, O GAIATO é vedeta neste Banco, especialmente depois que o nosso comum amigo Luciano meteu mãos à obra».

E para não alongar o apontamento, só mais um extracto de expressiva carta de Serpa:

«Uma jovem Professora Primária, que tem lido O GAIATO, pede a remessa do mesmo, pois tem grande interesse em ser assinante».

É pessoa de toda a confiança, que vive junto da minha casa e se entusiasmou com a leitura de O GAIATO».

Júlio Mendes

RETALHOS DE VIDA

O «RI-RI»



Chamo-me José Fernando de Matos e sou de Tondela, onde nasci a 21 de Março de 1965.

Tenho 14 anos e ando na 4.ª classe. E digo ando na 4.ª classe porque, às vezes, não ia à Escola, minha mãe não deixava.

Aqui, na Casa do Gaiato, estou eu e outro irmão, por alcunha o «Salsichas». Viemos em 1973, porque eu fugia à Escola; outras vezes tratava mal a minha avó, não querendo fazer o que ela mandava. E minha mãe é doente, dão-lhe ataques. Um dia foi parar ao Hospital de Lervão (Penaçova). Um ano depois disto, uma pessoa de família falou com uma senhora da Conferência de S. Vicente de Paulo de Tondela, que conhecia a nossa Obra, e pediu para virmos os dois para a Casa do Gaiato. Assim que chegámos, eu e meu irmão fomos para a casa 4 r/c, onde os colegas me deram o apelido de «Ri-ri», porque rio sempre que dizem qualquer coisa.

O meu trabalho é padeiro, há um ano. E no ano anterior estive na rouparia.

Em minha casa minha mãe está só, porque somos todos filhos cada um de seu pai. Ela estava com uma minha irmã, de 7 anos, mas, agora, um senhora tomou conta dela e perfilhou-a, visto não ter filhos. Tenho mais dois irmãos casados e cada qual já tem um rebento.

O meu irmão «Salsichas» foi vendedor de O GAIATO em Valongo e anda no 4.º ano do Liceu. Eu sou vendedor do nosso jornal em Aveiro, onde vendo 500 e onde tenho muitos e bons Amigos, que me recebem com a maior alegria. Espero continuar a estudar, porque quero chegar ao 5.º ano do Liceu.

Um grande abraço para os aveirenses e tondelenses e para todos os Amigos da Obra da Rua.

José Fernando de Matos («Ri-ri»)

Malanje

● Fui hoje ao Dispensário do bairro do Maxinde, onde a irmã Piedade é médica, enfermeira e mãe. 200 a 300 consultas por manhã. Ali, doentes não são coisas que entram e saem. É o Manuel, a Maria, o Ritunha, a Muala, o Tonito... pessoas tratadas como tais. É curada a ferida e entregue o medicamento. E, sobretudo, a palavra amiga, o conforto moral. A doação. O amor repartido em palavras e gestos, que ajudam a construir vidas.

Evangelho não é livro, altar, patena ou sermão... Mas a Irmã Piedade a dar — todos os dias — a sua vida toda por todos os irmãos.

● Os periquitos azuis voam de pau em pau à medida que o Grego avança pela picada sem fim deste planalto malanjino.

Porquê os periquitos azuis? Talvez a ideia de levar um sorriso de paz ao burburinho medonho que é o vosso dia-a-dia nesse Portugal. Os encontros nas ruas, apertos nos comboios, confusões dos automóveis, rendas de casa, turbilhão de partidos. Cada grupo, que é o bem do Povo! Cada um gritando mais alto para dominar o outro.

Democracia não tem ódio. Tem respeito pelo outro — quando ele chora, quando ele ri; quando reza ou não crê. Violência não dá paz... só escravidão.

É gracioso o voo dos periquitos e bonita a cor!

Poucas vezes o preto e branco das vossas televisões vos dá um pouquinho de beleza.

Padre Telmo

Um caso

«Irmãozinho» é um rapaz alegre e sem complexos, mau grado a deficiência numa perna, que fez levantar as plateias nas Festas onde actuou, em papel adequado às circunstâncias. «Irmãozinho», dizíamos, aborda-nos hoje, na companhia do Adão, com ar fúnebre!

Eles são de família numerosa. E sob o nosso tecto há mais irmãos: «Zig-Zag» e Ricardinho.

«Irmãozinho» já cambado, por natureza, dobra-se todo. E o Adão, mais rapioqueiro, não sabe estar triste. Apoiados na mesa, encostam-se um ao outro, fraternalmente, a modos de «coisa grave».

— Que se passa?!

Nos olhos de um aflora uma lágrima, que faz escurecer a face do outro.

— Precisamos de telefonar à nossa mãe...

— Porquê?! O telefone é caro...

— Mas é coisa muito grave...

— Contai lá.

E contaram.

Os quatro irmãos, como parte da Comunidade, foram passar a festa d'Ano Novo junto da família de sangue, como é tradição.

— Couberam todos os quatro lá em casa?!

— A gente lá se acomodou...

Traz na mão o número telefónico da vizinha, que por lá colheu. E mostra.

— Precisamos de dizer à mãe que o Pedro, o mais velho; depois dela ir pró trabalho (faz limpeza numa fábrica, só à tarde) e quando a gente estávamos p'ra regressar, deitou fora uma saca de bolos! Disse que foi achada na lixeira; e não foi nada, foi comprada pela mãe. Dissemos ó Pedro p'ra não estragar os bolos. Chorámos. Viemos p'ra cá a chorar. E temos de dizer isto à mãe».

Pedir o telefone para matar saudades, acontece a um ou outro recém-chegado; sobretudo nos primeiros dias de estadia em nossa Aldeia, pois não há nada que suplante o amor de mãe. Nem coisa que mais custe a um filho do que a separação; neste, como noutros casos, por falta de apoio necessário à consolidação da Família. Mas os homens responsáveis, de quem depende(ria) a solução do problema, tropeçam em números e, por isso, desagregam milhares de famílias portuguesas!

Quantas vezes Pai Américo chorou esta omissão — quantas! Se é mãe qualificada, não importa viúva ou solteira; se ela pode criar os filhos no seu regaço, porque não há no Orçamento do País uma dotação para o mínimo de subsistência destes agregados, que as pensões de sobrevivência e os abonos são mais do que irrisórios? Pior ainda no que toca às mães solteiras...!

Então, sim, o internato seria unicamente para os sem-família ou para crianças de famílias doentes ou desagregadas.

Pai Américo já insistia com veemência neste critério, há 40 anos — e ninguém o ouviu. Tampouco se atende, agora, à inflação de mesas redondas sobre o assunto, como se ele fosse uma coisa nova.

No caso vertente, quem poderia recusar o telefone ao «Irmãozinho», mesmo que a chamada fosse mais onerosa do que uma saca de bolos, quem?!

Discárnos o número para avisar. Voltámos a discar um quarto d'hora depois e a mãe estava alerta. «Irmãozinho» relata, então, a ocorrência; Adão ao lado como testemunha do pleito. Motiva-o, no fim, a saudar a mãe: — «Então não queres dizer nada...?!» O moço fica perplexo. Seria mais fácil pôr em andamento a carrela da lenha do que fazer aquilo que nunca fez — telefonar. E solta uma saudação calorosa!

Não foram prolixos, não senhor. Disseram o necessário, com eloquência. E, neste aspecto, até foi bom estarmos só os três. Deram uma lição que fez estremecer a alma da mãe, desvanecida com a atitude dos filhos.

— Aquilo não se faz! Deitar fora uma saca de bolos... Não se faz!

Do outro lado da linha ela agradece a nossa correspondência à atitude dos filhos, como só as mães são capazes. Lição para o Pedro, de 18 anos, servente da construção civil. E para muitos Pedros, pequenos e grandes, por esse mundo fora.

Beijámos cada um deles, pela sua decisão, pela sua personalidade — fruto do ambiente em que vivem. Aquele beijo supre o daquela mãe distante; triste pela incorrecção do Pedro, mas feliz, felicíssima, com o apurado sentido de justiça dos filhos ausentes.

O caso ficará gravado para sempre no íntimo destas crianças. Não tenhamos dúvida. «A memória guarda e o espírito, em qualquer altura, vivifica» — sublinha Pai Américo.

Júlio Mendes

Quarenta anos da OBRA DA RUA

Cont. da 1.ª página

Se transfere; a quem o tempo, que tudo desfaz, não corrompe a sedução.

Grande sinal de Esperança, este: que tantos homens, mesmo mergulhados no mundo, até dos que ignoram em acto a potência da sua Fé, confessam admiração e encanto diante de raros em que brilha uma luz singular que não é sua, mas «reflexo da majestade de Deus, imagem da Sua bondade».

Nós somos ocasião e testemunho desta Esperança. A Obra da Rua nasceu na Epifania e é da Epifania: manifesta, confirma que Jesus Cristo é Rei e Senhor. Ele é o nosso Chefe e Pedra Angular, sem a qual não chegaríamos a ser ou teríamos já ruído. Não foi pela força do ouro nem da prata, nem por qualquer virtude humana, que chegámos até aqui; mas pelo Nome e no Nome Santíssimo de Jesus. Fora d'Ele, sem Ele, não daríamos mais um passo de salvação.

Que «Herodes estremeça e toda a Jerusalém com ele»... Cristo permanece e a Sua palavra não passará.

Quarenta anos de vida são argumento in re. A Obra da Rua é um argumento da divindade de Cristo e da Sua presença no meio dos homens.

Sublime missão. Terrível responsabilidade pesa sobre nós. Demos-Lhe graças. E ajoelhemos diante d'Ele o nada que somos.

*

Martinho e Maria de Lourdes. Se Deus usou uma estrela para guiar três homens de boa

vontade a Seu Filho, Pastor que nos levará ao Pai — quanto não há-de Ele preferir servir-Se de nós para conduzir outros que Ele ama e O desconhecem, ou por fragilidade andam errantes, ao Caminho que Cristo é!

Que voto mais substancial posso eu fazer nesta hora importantíssima para vós, senão este?: Que sejais «estrela de Magos» para os que hão-de ser o vosso Próximo no decorrer da vida.

E como haveis de ser?

Tão simples!: Começando por viver o vosso amor num esforço constante de crescimento e perfeição. Tanto e tão puro que já não caiba em vós e tenhais de o repartir por muitos.

Não será preciso falar. Nem sair do vosso roteiro quotidiano. Basta que na vossa casa, sempre «vejam o Menino com Maria, Sua Mãe, e, caindo de joelhos, se prostrem diante d'Ele». Então, hão-de «sentir a enorme alegria» dos Magos. Descobrirão tesouros insuspeitados para Lhe oferecer. Ele aceitará e repô-los-á nas vossas mãos para os levardes em Seu Nome aos homens que Ele ama.

A novidade inesgotável do amor verdadeiro será a vossa bênção. Sereis felizes.

Paço de Sousa, 6/1/80

Padre Carlos



Martinho e Maria de Lourdes

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª página

nunca recusada em situações anteriores. Em palavras simples mas vivas, caldeadas na experiência de todos os dias, diremos do que nos vai na alma e no coração, para que o nosso cristianismo seja vida e não apenas um emaranhado de meros bons propósitos ou de práticas inconsequentes.

● Havemos de falar aqui do problema habitacional, que assume alta importância nos mais variados prismas pelo qual possa ser abordado. Os Políticos deste País, e não só, têm muito que fazer nessa matéria. Hoje, à laia de introdução, queríamos apenas pôr em evidência a excessiva e anquilosante burocracia exigida para alguém poder fazer a sua casa. Aos Pobres e aos menos letrados é quase impossível atingir o objectivo de disporem de residência própria. Requerimentos para tudo e para todos os lados; processos e mais processos; selos e mais papel se-

lado tolhem as iniciativas e expõem-nos à exploração de intermediários sem escrúpulos. Ora, a nosso ver, supostas condições mínimas de urbanização, higiene e de salubridade, haverá que facilitar toda a caminhada, desde o fornecimento de projectos-tipo, até à isenção fiscal para quem constrói a sua moradia, de maneira simplificada e rectilínea e não de modo complexo e tortuoso. Haja gente...!

● A propósito do problema habitacional não queremos

deixar de recordar que impen-de sobre o responsável desta Casa e sobre todos nós, em geral, ajudar a construir as casas projectadas para quatro dos nossos Rapazes, conforme já aqui referimos: Aos que dispõem de casa própria, sobretudo, nos dirigimos: que ao apreciarem o bem que possuem, compreendam as aspirações dos que nada têm e, à maneira de grão a grão, tornem possível passar do sonho à realidade. Bem hajam.

Padre Luiz



Director: Padre Carlos

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 39.000 exemplares